

Poesia juvenil brasileira (2010-2020): estado da questão /

Brazilian youth poetry (2010-2020): state of the matter

Lucas Felipe Batista Bispo *

Doutorando em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

 <https://orcid.org/0000-0002-2369-6827>

Recebido em: 30 abr. 2021. Aprovado em: 05 jun. 2021.

Como citar este artigo:

BISPO, Lucas Felipe Batista. Poesia juvenil brasileira (2010-2020): estado da questão. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 97 - 111, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10058575>

RESUMO

O artigo propõe apresentar, de modo parcial, o estado da questão da poesia juvenil brasileira, a partir de seis obras, publicadas entre 2010 e 2020: *Diário da Montanha (Manat)*, de Roseana Murray (2012); *Poesia é Fogo, é Terra, é Água, é Ar! haicais* (Rocco Jovens Leitores), de Sandra Lopes (2013), ilustrações de Janaina Tokitaka; *Futurações (Projeto)*, de Caio Riter (2014), ilustrações de Ana Gruszynski; *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos (Melhoramentos)*, de Ricardo Azevedo (2015); *Cotidiano, paixões & outros flashes (Lê)*, de Luís Dill (2019), ilustrações de Silvana de Menezes; *Poemas para jovens inquietos (L&PM)*, de Sérgio Capparelli (2019). O objetivo é investigar os modos de manifestação – temas e formas – dessa produção e estabelecer um contraponto à questão do adjetivo “juvenil”. O artigo, por meio da análise de obras de poesia destinadas aos jovens, contempladas pelo *corpus*, no recorte temporal proposto, observou a evolução e as tendências da poesia juvenil brasileira no sistema literário e, por conseguinte, expôs parcialmente seu estado da questão.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia juvenil brasileira; Estado da questão; Temas e formas.

ABSTRACT

The article proposes to present, in a partial way, the state of the question of Brazilian youth poetry, from six works, published between 2010 and 2020: *Diário da Montanha (Manat)*, by Roseana Murray (2012); *Poesia é Fogo, é Terra, é Água, é Ar! haicais* (Rocco Jovens Leitores), by Sandra Lopes (2013), illustrations by Janaina Tokitaka; *Futurações (Projeto)*, by Caio Riter (2014), illustrations by Ana Gruszynski; *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos (Melhoramentos)*, by Ricardo Azevedo (2015); *Cotidiano, paixões & outros flashes (Lê)*, by Luís Dill (2019), illustrations by Silvana de Menezes; *Poemas para jovens inquietos (L&PM)*, by Sérgio Capparelli (2019). The objective is to investigate the modes of manifestation - themes and forms - of this production and establish a counterpoint to the question of the adjective “juvenile”. The article, through the analysis of works of poetry aimed at young people, contemplated by the corpus, in the proposed time frame, observed the evolution and trends of Brazilian youth poetry in the literary system and, therefore, partially exposed its state of the matter.

KEYWORDS: Brazilian youth poetry; State of the issue; Themes and forms.

*

 lucasefelipe_br@hotmail.com

1 Introdução

A produção acadêmica em matéria de literatura infantil e juvenil é – em termos históricos – bastante recente. Até o final do século XX, foi escassa a bibliografia sobre literatura infantil e juvenil, vindo a público uma produção teórica e crítica mais sistemática sobre o gênero apenas nas três ou quatro últimas décadas. Ao atentar, de modo específico, para os estudos acerca da literatura juvenil, a bibliografia é substancialmente menor, dado o enfoque majoritário sobre a literatura infantil, cujas características sobressaem de maneira mais evidente em comparação com a literatura destinada ao público geral. Dentro dos estudos sobre a literatura juvenil, é similarmente menor a produção teórica voltada para a poesia, em comparação com a narrativa, como observam Aguiar e Ceccantini:

[...] os pesquisadores pouco têm-se ocupado da poesia dedicada às novas gerações, o que se pode constatar em qualquer levantamento de trabalhos científicos sobre a área. Livros, artigos, dissertações e teses privilegiam a narrativa em suas variadas modalidades, talvez devido ao caráter familiar dos versos, presentes no imaginário de todos desde sempre. Em outras palavras, de poesia infantil todos entenderiam; mais nada haveria a dizer sobre ela. Mas existe, no entanto, um espaço a ser preenchido nos estudos da literatura, porque a intimidade com os textos poéticos não garante o conhecimento específico de sua natureza, de seus recursos expressivos e de seu valor estético. (AGUIAR; CECCANTINI, 2012, p. 08).

À vista desse contexto científico, evidencia-se a importância de estudos que se voltem para a produção literária destinada aos jovens e, de modo especial, para as obras poéticas dessa produção.

O artigo propõe a análise de obras de poesia destinadas a jovens, publicadas entre 2010 e 2020. A análise, por meio do levantamento de temas e formas, busca observar a evolução e as tendências da poesia juvenil no sistema literário brasileiro, a fim de expor parcialmente o estado da questão desse subgênero.

A partir de pressupostos teóricos e metodológicos que subsidiem o desenvolvimento de recepção crítica e de práticas leitoras que consolidem e renovem modos de ler o livro para jovens, este artigo busca, na leitura da poesia juvenil, uma visão dessa produção, segundo um enfoque simultaneamente histórico e estético.

Para tratar do adjetivo “juvenil”, é necessário antes atentar para as especificidades do substantivo, a poesia. O gênero lírico tem como fundamento a condensação de imagens e símbolos, sua linguagem é conotativa, não há, necessariamente, intenção de representação da realidade.

A introspecção é altamente exigida na poesia, decorrente da condensação de vários sentidos numa área gráfica assaz limitada. O movimento de introspecção, segundo Bordini (1986), é dado principalmente pela incompletude essencial do universo imaginário traçado pelo tecido verbal, isto é, no texto ficcional, a caracterização dos seres e do espaço-tempo não reconstrói o real de maneira íntegra, pois o poeta é limitado pelo espaço gráfico, dessa forma, surgem lacunas e pontos vazios, os quais serão preenchidos pelo leitor.

Outro aspecto fundamental da poesia é sua estreita relação com o jogo, conforme aponta Huizinga (1971), que, observando essa relação nas sociedades primitivas, reconheceu princípios do fazer poético no jogo sagrado, sempre repleto de alegria e divertimento. Para o autor, a própria *poiesis* é uma função lúdica, estando além da seriedade, sob um domínio primitivo, como o que pertence a criança, o animal e o idealista, no âmbito da imaginação, da fascinação e do contentamento. Huizinga (1971) afirma que a linguagem poética realiza fundamentalmente um jogo com palavras, organizando-as de modo harmonioso e as aplicando mistério, a fim de que cada imagem passe “a encerrar a solução de um enigma” (HUIZINGA, 1971, p. 149).

A atividade lúdica é íntima do processo criador, que está para além do que é lógico, extrapolando qualquer imposição ou padrão pré-estabelecido, assim como o jogo. A aproximação da arte com o lúdico propicia a liberdade criativa, que “reorganiza a palavra, mediante ordenação rítmica ou simétrica, nem sempre seguindo a ordem manifesta no mundo real” (MARTHA, 2012, p. 47).

Os pressupostos que fundamentam o gênero lírico são base, de igual forma, para a poesia dedicada aos jovens, com uma atenção especial para alguns aspectos negativos, os quais historicamente originam preconceitos que cercam a produção, como a moralização, a infantilização, o ufanismo, entre outras questões que são reflexo do autoritarismo na literatura.

A influência pedagógica, que é mais latente na produção destinada ao público infantil, pode permear também o que se endereça ao jovem. A literatura, se concebida por um propósito pedagógico, conforme observam Zilberman e Magalhães (1982), exclui o sujeito do inconsciente,

o que impossibilita a criança – nesse caso, o jovem – de conhecer a si mesma, uma vez que ela não se reconhece no paradigma oferecido.

Deve-se, pois, pensar o adjetivo “juvenil”, não como excludente de outros públicos leitores, mas como atributo de uma literatura que, sem restrição temática e formal, respeita e está em consonância com a fase intelectual e emocional do jovem, podendo, por isso, apresentar recorrência de temas e formas de acordo com o contexto espacial e temporal do jovem a que se dedica.

2 Análise do corpus

Considerando o corte sincrônico do artigo entre 2010 e 2020, foram selecionadas para análise as obras, em ordem cronológica: *Diário da Montanha* (Manat), de Roseana Murray (2012); *Poesia é Fogo, é Terra, é Água, é Ar!: haicais* (Rocco Jovens Leitores), de Sandra Lopes (2013), ilustrações de Janaina Tokitaka; *Futurações* (Projeto), de Caio Riter (2014), ilustrações de Ana Gruszynski; *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos* (Melhoramentos), de Ricardo Azevedo (2015); *Cotidiano, paixões & outros flashes* (Lê), de Luís Dill (2019), ilustrações de Silvana de Menezes; *Poemas para jovens inquietos* (L&PM), de Sérgio Capparelli (2019).

Em *Diário da Montanha*, de Roseana Murray (2012), o fazer poético está intimamente relacionada à natureza, a partir da observação, a qual é traçada em forma de relatos poéticos no papel, acerca da vida na montanha.

É frágil a trajetória
dos pássaros:
caminham sobre a superfície
das suas notas musicais,
voam nos intervalos
do tempo.
Com suas asas
constroem castelos
e casulos
de sonho
para que nós,
rastejantes humanos,
possamos respirar.
(MURRAY, 2012, p. 15).

Nesses versos, há o olhar atento do eu poético para o ambiente e os seres ao seu redor, realizando uma descrição de sua percepção, repleta de poeticidade, como a imagem do caminhar dos pássaros sobre as notas musicais que entoam. Ao fim, apresenta-se uma cena condensada de significações: asas que edificam castelos e casulos de sonho, a qual possibilita a construção de uma consciência humana, coletiva, uma vez que o eu poético assume a pluralidade pelo pronome “nós”.

A observação, predominantemente na obra, não é empecilho para o lirismo, que por diversas vezes irradia-se, como na primeira estrofe do poema “Mãos e pés”:

Ainda jovem eu pulava
as pedras do rio, sentia
sua dureza em meus pés,
as nuvens corriam junto
comigo, céu e terra
me esmagavam em seu abraço
e meu corpo latejava
com os dias que ainda existiriam.
(MURRAY, 2012, p. 35).

Nesse trecho, o olhar volta-se para o subjetivo e para as sensações do eu lírico, que revelam o pesar do real, o lado áspero e severo da natureza. Os versos estão encavalgados, aspecto significativo e presente em toda a obra, propiciando uma continuidade de sentidos para o leitor.

Em *Poesia é fogo, é terra, é água, é ar!*, de Sandra Lopes (2013), observam-se efeitos e sensações que os quatro elementos da natureza podem suscitar e causar, ora na própria pele, ora na de outrem – por meio da observação. Mediante a forma poemática do haikai, toda a obra é concebida, em uma estrutura livre de métrica fixa e com uma temática assaz ligada ao Brasil, como, nos versos a seguir, em que o “mote” é a Amazônia:

Amazônia sagrada.
Do teu chão
sobe a floresta em oração.
(LOPES, 2013, p. 46).

A intertextualidade é uma relevante característica da obra, que dialoga com os mais diversos textos da cultura nacional, recriando-os e lhes concedendo, por diversas vezes, um tom crítico, a respeito de um dos bens mais importantes do Brasil, sua biodiversidade. Como

exemplo, dois poemetos, o primeiro é elaborado a partir da estrutura de um dito popular, “Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando”, reinventando-o:

Mais vale
um pássaro aventureiro
do que dois no cativoiro.
(LOPES, 2013, p. 44).

Enquanto o segundo é uma recriação dos versos iniciais de “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, construída por meio do questionamento dos valores originais do poema, o que propicia, por conseguinte, a reflexão.

Minha terra sem palmeiras.
Onde canta o sabiá?
Lá no estrangeiro... Será?
(LOPES, 2013, p. 46).

Os haicais de Lopes possuem um padrão no esquema rimático, que consiste na ocorrência de rima final entre dois versos, independente da ordem (ABB, ABA, AAB), proporcionando musicalidade aos haicais.

Em *Futurações*, de Caio Riter (2014), apresentam-se poemas bem-humorados, somados às ilustrações de Ana Gruszynski, que enlaçam o texto verbal, reforçando suas possíveis significações e/ou apontando novas leituras e perspectivas sobre os versos, o que evidencia o caráter artístico das ilustrações como parte autoral da obra, em outras palavras, as ilustrações não são meras representações gráficas do texto verbal, e sim parte relevante do objeto artístico – o conjunto da obra. As ilustrações, inclusive, ocupam maior espaço físico do livro; a cada abertura, há uma página ocupada pelo texto verbal e outra pela ilustração, a qual por vezes permeia também a página do poema.

Quanto à temática, retratam-se anseios, receios, questionamentos, entre outras realidades intimamente ligadas ao universo juvenil:

Clique

O quarto são paredes de solidão,
mas, na tela de luz do note,
basta um toque,
um clique, um site, um link,
e o mundo, espaço de amplidão,
vem pra perto, bem perto,

fica ao alcance da mão.
(RITER, 2014, p. 20).

No poema, constrói-se uma espécie de antítese entre o “quarto” e a “tela do note”, a perspectiva do quarto, enquanto espaço de solidão, é contraposta a perspectiva da tela do note, enquanto espaço de amplidão – que traz um valor tácito de companhia, pelo contato com domínios externos ao quarto. Tal oposição é rompida pelo “clique”, que integra o jovem ao mundo.

Ainda nesse exemplo, é notável a ligação entre forma e conteúdo. A brevidade do terceiro verso, “basta um toque”, representa formalmente a brevidade do “clique” – evidência de qualidade literária e estética do texto.

Quanto à forma, predomina na obra a construção de poemas com versos encavalgados, plenamente pontuados – em que os elementos sintáticos são todos separados por vírgula, conforme prescreve a Nomenclatura Gramatical Brasileira. A linguagem é informal, com diversas palavras contraídas e neologismos, bem como o título do livro, “Futurações”.

Em *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos*, de Ricardo Azevedo (2015), origina-se uma obra de tom experimental, mesclando poemas de significações intensas e pinturas de caráter surrealista. O “caderno” trata, sem restrições, sobre identidade, amor e política, de maneira madura e lírica.

Penso em sexo aqui e ali
principalmente onde andas.

Trago na palma da mão
a linha inevitável do vespeiro.

Viajo vida afora, eu sei,
entre o chão o céu
e o despenhadeiro.
(AZEVEDO, 2015, p. 35).

Nesses versos, o eu lírico, naturalmente subjetivo, expõe, sob a temática do amor, seus desejos, que exprimem os pensamentos constantes dos adolescentes – sexo – e sua condição, muitas vezes, confusa e indefinida, expressa na relação entre o “chão” o “céu” e o “despenhadeiro”.

A poesia de Azevedo é concebida em total liberdade no tema, assim como na forma, cujos poemas, entre si, não seguem padrão rimático e há criações que fogem até mesmo à estrutura de versos:

Preciso contar o que aconteceu foi no corpo foi na alma foi tudo ao mesmo tempo não é nada disso vou começar de novo preciso contar o que aconteceu palavra por palavra ponto por ponto não tenho nada a esconder eu não sabia ninguém me avisou minto eu sabia é melhor nem lembrar quase perdi o chão não consigo falar não tenho certeza preciso contar o que aconteceu cheguei a chorar mas não sofri cheguei a sofrer mas não chorei quer dizer chorar chorei sofrer sofri é difícil encontrar as palavras está meio confuso imaginava tudo diferente não dava para imaginar coisa nenhuma deixa eu explicar direito preciso contar o que aconteceu deu vontade de abrir um buraco no chão e sumir e voltar e cantar e rir e brincar e sentir medo e gritar sem entender nada sem saber se era mentira se era verdade se era mentira de verdade [...]. (AZEVEDO, 2015, p. 31).

A ausência de pontuação não prejudica a compreensão, que é auxiliada por um paralelismo sintático, em que cada oração é iniciada, ora por verbos “preciso contar (o que aconteceu) – preciso contar”, ora por conjunções “e (sumir) – e (voltar) – e (cantar)”, “se era (verdade) – se era (mentira) – se era (mentira de verdade)”.

Em *Cotidiano, paixões & outros flashes*, de Luís Dill (2019), compõem-se uma obra integralmente por haicais, ou “haiquases”, como expressa o subtítulo do livro. Ao todo, são 186 poemets, dispostos de dois em dois por 97 páginas, nas quais as ilustrações de Silvana de Menezes preenchem toda a mancha gráfica.

Na forma, os haicais apresentam versos brancos e livres, cuja soma das sílabas poéticas varia entre 11 e 29 por haicai, o que evidencia a ausência de preocupação métrica na composição. A linguagem empregada é simples, os poemets não possuem título, nem letras maiúsculas no início dos versos, a pontuação no texto é mínima.

No tema, a obra apresenta pequenos retratos poéticos, cuja figura central é o jovem, seu cotidiano, seus desejos e relações familiares. A temática caminha também pela natureza, capturando instantes das quatro estações do ano, como é próprio do *haiku*¹.

aos olhos do menino

¹ Utilizaremos, neste artigo, o termo “*haiku*” para designar a forma clássica do gênero tradicional japonês, e o termo “haicai” para designar a forma apropriada na literatura brasileira.

o mistério da vizinha
na tela de fechadura
(DILL, 2019, p. 75)

Nesse haikai, capta-se o momento de curiosidade do menino ao espiar a vizinha pelo “buraco” da fechadura, típico de sistemas antigos, em que não há um cilindro para inserção de chave. Pelo “buraco”, que se transforma em tela, o menino observa o desconhecido. Cada verso introduz um novo elemento à cena, compondo, ao fim, o instante capturado. Essa essência descritiva dos versos é também elemento característico do *haiku*, que objetiva, a partir da observação, descrever o externo ao “eu”, de forma a capturar o momento.

seu biquíni
pinga no varal
o fim do verão
(DILL, 2019, p. 58).

Nessa composição, podemos observar o *kigo*, palavra ou expressão que faz referência a uma estação da natureza, o que propicia ao leitor estabelecer associações afetivas à estação diante da cena concreta. Nesses versos, para além do termo “verão”, que explicita a época do ano, o termo “biquíni” também nos remete à estação, permitindo reconhecê-lo com um *kigo*.

no primeiro minuto do ano
a imensa chuva
afoga todos os fogos
(DILL, 2019, p. 50).

Ao exemplo desse haikai, notamos a linguagem figurada como elemento recorrente na obra de Dill (2019). A descrição figurada da chuva “afogando” os fogos de artifício é um recurso estilístico que confere poeticidade ao instante capturado.

Conforme as estações do ano avançam e se movimentam no decorrer da obra, os momentos do dia também alternam, é notável a separação de haicais ambientados na luz do sol e de haicais ambientados na luz da lua. A marcação entre os diferentes momentos ocorre também no trabalho gráfico, em que, no ambiente noturno, as páginas possuem fundo escuro e as letras passam para tons claros, como contraste.

As ilustrações de Silvana de Menezes acompanham o sentido dos versos por toda a obra, representando parcialmente o texto verbal a partir da perspectiva da artista. Os desenhos são realizados com traços peludos, técnica que reforça o caráter informal dos haicais.

à neta sentença:
é preciso viver mais
e postar menos
(DILL, 2019, p. 74)

A atualidade dos versos, por vezes, é revelada na relação com a tecnologia, como o uso de redes sociais, que é alertado pela vó, nesse haikai. As relações familiares estão presentes e são descritas a partir de cenas do cotidiano.

Sobre o gênero², embora os haicais de Dill (2019) possuam relação com o fazer poético do *haiku*, pela essência descritiva, relação com a natureza etc., em muitos momentos da obra, distanciam-se dessas características, provável motivo pelo qual o subtítulo do livro expressa “haiquases”.

as maiores maldades
se ocultam
nas melhores pessoas
(DILL, 2019, p. 90).

Ao exemplo desses versos, verificamos a ausência total de observação de uma cena concreta. Nesse caso, o “haikai” consiste em uma frase dividida em três linhas, cuja composição se assemelha a de um provérbio.

Em *Poemas para jovens inquietos*, de Sérgio Capparelli (2019), reúnem-se poemas de três livros publicados pelo autor, entre 1992 e 2004, somados a composições inéditas. A capa e o projeto gráfico foram realizados por Ana Gruszynski, que personalizou os títulos dos poemas de acordo com a temática.

Os poemas de Capparelli (2019) não apresentam formas fixas de composição, a métrica, esquema rimático, volume de estrofes, tamanho e disposição dos versos na página não seguem padrões de estrutura, cada poema é uma criação única, cuja forma se baseia no conteúdo e efeitos pretendidos.

O livro é dividido em quatro partes: “Apenas o começo”, que traz poemas de *Restos de arco-íris* (1992); “Os mequetrefes contra os cheirosos”, com poemas inéditos; “Duelo”, com origem em *Duelo de Batman Contra a MTV* (2004), livro agraciado com o prêmio Jabuti; “Para o

² Entendemos, neste artigo, o haikai como um subgênero literário dentro do gênero lírico e não como mera forma (arranjo de três versos).

seu governo”, que compila poemas inéditos com textos de *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (1996).

Na primeira parte, os poemas voltam-se para o interior do eu lírico, seus sentimentos e a percepção sobre si e o outro. Em uma sequência cronológica, o jovem eu lírico declara seu amor à Mariana.

Bebemos em silêncio
enquanto Mariana ajusta um grampo nos cabelos
e se joga em mimos para o Alfredo.
O chocolate queima, chumbo quente,
que desce goela adentro,
Mariana, Mariana, não te entendo!
(CAPPARELLI, 2019, p. 23).

Nessa estrofe, do poema “flores de plátano”, em um café com amigos, o eu lírico descreve as ações de Mariana e sua angústia diante do ciúme que sente pelas interações com Alfredo. As sensações do eu lírico estão em primeiro plano e seus pensamentos, expostos, o que proporciona aproximação com o leitor.

A primeira parte do livro é enriquecida ao apresentar também, de maneira alternada, a perspectiva de Mariana.

Não pense que não notei
o modo que me olhava
e os gritos que você,
mudo, me enviava.
(CAPPARELLI, 2019, p. 28).

Nessa estrofe, do Segundo bilhete de Mariana, a jovem revela seus sentimentos e sua visão sobre os olhares que veladamente percebia. As percepções de um sobre o outro são expostas sem juízo de valor ou voz de um terceiro no texto, o que contribui à emancipação do leitor em sua interpretação.

Em todas as partes do livro, há poemas com um aspecto lúdico evidente, dado, por exemplo, a partir estruturas e versos repetidos no início e/ou fim de uma estrofe, o que se assemelha a um mote.

O vento monta um cavalo
de ferro
e galopa feito cavaleiro
cego.

O vento monta um cavalo
de mármore
e zune na cabeleira
das árvores.

O vento monta um cavalo
de aço
e desembesta por onde
eu passo.
(CAPPARELLI, 2019, p. 31, grifo nosso).

Na segunda parte da obra, a temática volta-se para uma partida de futebol entre o time dos “Mequetrefes” contra o dos “Cheirosos”. A partir da perspectiva de um jovem, os eventos acontecem e suscitam memórias, anseios e orgulho no eu lírico.

É um instante só, entendeu? Um instante em que a bola
rola no ar e vem pelo alto, você prepara o pulo exato
e, pedalando, voa. Sim, você voa. Flutua. Plana.
Por um segundo só, nada mais, mas você plana,
com miragens de gol, de ânsia e de fé na chuteira ilusória.
(CAPPARELLI, 2019, p. 45).

Os versos com orações curtas conferem agilidade à leitura e transpassam a sensação do eu lírico no jogo, suas emoções revelam prazer. A partida de futebol, para além da competição, constitui-se com um espaço de conexão social, de pertencimento a um time, a um grupo.

Na terceira parte, os poemas voltam-se para o cotidiano do jovem e suas relações familiares. O eu lírico expõe pensamentos do dia a dia, conflitos, alegrias e reflexões.

De longe,
de muito longe,
ouço uma voz:
Quem é que vai lavar louça?

Eu nem escuto.
Eu, hein, como escutar,
aqui do fundo?

Pois sempre,
depois do almoço,
sou submarino:
fecho escotilhas
e afundo.
(CAPPARELLI, 2019, p. 55).

De maneira leve, cenas do cotidiano são apresentadas, misturando fantasia e “realidade”, o eu lírico cria metáforas para expressar e justificar seu ponto de vista. Embora as vozes dos pais estejam presentes nos poemas, é a perspectiva do jovem que prevalece.

Na quarta parte, o universo virtual perpassa todos os poemas. A linguagem é moderna, repleta de neologismos, com uso, inclusive, de *hashtags*.

Jogos, flashes, luzes, banguês,
o tempo se acelera,
e o espaço se contrai,
a distância mora ao lado,
ela é o novo vizinho,
sirvamos-lhe um cafezinho,
Tóquio, Manhattan, Xangai,
Moscou e Katmandu,
ciberchegados que partem
pra Luanda e Tombuctu,
estamos no fim do mundo
com bits e bytes nas mãos,
vagarilhos, vagamundos,
dessa cibercivilização.
(CAPPARELLI, 2019, p. 107).

As descrições breves refletem a inquietude do jovem diante de um mundo que constantemente se transforma, cujos limites da tecnologia ainda se desconhecem. O eu lírico, à medida que busca se encontrar no mundo cibernético, convida também o leitor – dado o uso da primeira pessoa do plural – a refletir sobre as mudanças do tempo que é veloz no universo virtual.

Considerações finais

A partir do estudo de aspectos estéticos e temáticos realizado nas cinco obras que compõem o *corpus* da pesquisa, notamos uma forte liberdade formal, no que concerne ao estilo de criação, isto é, não há preocupação quanto a formas fixas de composição, o que não influencia o significativo trabalho sonoro, rítmico e visual nas obras, que entrelaça forma e conteúdo; destacamos, ainda, a temática diferenciada, com a presença de temas mal vistos historicamente por conta de influências pedagógicas na literatura infantil e juvenil, como exemplo, o “sexo”, a “nudez”, a “morte”, entre outros. Com base nas evoluções e tendências

expostas dessa produção parcial, por meio do levantamento temático e formal, revelamos, em certa medida, o estado da questão da poesia juvenil brasileira contemporânea.

Por tratarmos da poesia juvenil brasileira, vale ressaltar que não devemos pensar o adjetivo “juvenil” como excludente de outros públicos leitores, mas como atributo de uma literatura que, sem restrição temática e formal, respeita e está em consonância com a fase intelectual e emocional do jovem.

Sobre o estudo desenvolvido, por fim, ponderamos o caráter empírico das compreensões apresentadas na análise das obras, que partem de determinados elementos formais para embasar a compreensão e interpretação dos textos que compõem o *corpus* do artigo, o que não elimina outros pontos de partida, a partir de outros elementos formais, que permitam diferente compreensão e interpretação. As leituras realizadas constituem uma possibilidade de interpretação e não a revelação de uma única verdade oculta no texto.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: BISPO, Lucas Felipe Batista.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Organizadores). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- AZEVEDO, Ricardo. *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.
- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- CAPPARELLI, Sérgio. *Poemas para jovens inquietos*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- DILL, Luís. *Cotidianos, paixões & outros flashes*. Ilustrações de Silvana de Menezes. 1. ed. Belo Horizonte: Lê, 2019.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LOPES, Sandra. *Poesia é fogo, é terra, é água, é ar! haicais*. Ilustrações de Janaina Tokitaka. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Pequena prosa sobre versos. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; (Orgs.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 45-73.

MURRAY, Roseana. *Diário de montanha*. Rio de Janeiro: Manat, 2012.

RITER, Caio. *Futurações*. Ilustrações de Ana Gruszynski. Porto Alegre: Editora Projeto, 2014.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.